



APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ MARTIN HEIDEGGER

Entre os dias 24 a 26 de outubro de 2017 ocorreu na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) o **II Colóquio Heidegger**. O evento, com público recorde, fez com que os organizadores se dessem conta do renovado interesse no exame crítico e dialógico do pensamento do filósofo alemão. Em função disso, na conferência de encerramento foi tornada pública a chamada para a submissão de trabalhos para um dossiê especial da *Revista Ideação* dedicado ao pensamento de Martin Heidegger. Na sequência, foram divulgadas chamadas no site da revista, no e-mail da ANPOF e em outras listas de correio eletrônico.

O resultado foi uma surpreendente adesão à proposta, com textos de várias partes do país e de fora do Brasil. O leitor terá a oportunidade de travar contato com uma coletânea de 20 artigos destinados à análise do pensamento heideggeriano, seja através de um exame minucioso de temas de sua filosofia, seja em diálogo com outros autores e tradições. Esse robusto volume da *Revista Ideação* traz consigo não só a pluralidade de recortes e abordagens do pensamento heideggeriano demonstrada na ocasião do **II Colóquio Heidegger** da UEFS, mas também diferentes análises desse pensar resultantes de pesquisas desenvolvidas em solo nacional e internacional.

No ano letivo de 1971/72, Paul Ricoeur lecionou um curso sobre hermenêutica, cujas lições foram editadas pelos serviços editoriais da universidade de Louvain. Em seu artigo, a professora Fernanda Henriques da Universidade de Évora analisa a posição tomada pelo filósofo francês neste curso em relação à obra capital de Heidegger. A autora concentra seu exame na segunda parte do curso ministrado por Ricoeur, que defende que *Ser e tempo* é uma obra que provoca rupturas. Fernanda Henriques examina, à luz da hermenêutica ricoeuriana, três rupturas que considera fundamentais: o deslocamento da reflexão filosófica do plano epistemológico para o plano ontológico; a *mundanização* ou enraizamento da existência; a reflexão ontológica sobre a linguagem.

Através de um texto rico em imagens e da atenção ao diálogo de Heidegger com poetas e filósofos, sobretudo com Søren Kierkegaard, Glória Maria Ferreira Ribeiro descreve tanto a essência ou âmbito originário do pensamento objetivante e calculador vigente no ocidente, quanto o pensar que deve fazer deste âmbito, e não dos entes, o seu tema. Se ela caracteriza essa origem enquanto pura doação ou gratuidade, região de indeterminação, abismo que possibilita todas

as formas de fundamento, o pensamento sobre a origem é pela autora elaborado em termos de um não querer, de um dizer sim e não ao mesmo tempo para a tradição filosófica, e nomeado como memória do ser, como resguardo da nossa história ou como salto para a liberdade. Seu texto é um convite para que nos alimentemos “pela segunda vez da árvore do conhecimento”.

Em seu artigo, Giovani Jan evidencia que tanto Heidegger quanto Fink veem a técnica moderna como um problema ontológico digno de questão, cuja recolocação traz consigo a emergência de uma ontologia não determinada pelas categorias da metafísica da substância. De modo rigoroso e fundamentado, o autor apresenta a reflexão filosófica de Heidegger e Fink sobre o fenômeno da técnica e as questões relacionadas à sua essência, que incluem a liberdade e o papel do homem. Ao caracterizar a filosofia de Fink, Jan nos mostra em que medida esta se aproximou e se distanciou da filosofia transcendental de Husserl e da ontologia de Heidegger.

A questão da filiação da fenomenologia ontológica praticada em *Ser e tempo* em relação à fenomenologia transcendental de Husserl guia o artigo de Marcelo Rosa Vieira. Nele mostra-se em que medida Heidegger apropriou-se de quatro elementos desenvolvidos pela fenomenologia transcendental, cuja união Husserl teria proposto como quadro de referências básicas para qualquer ontologia que se pretendesse de fundamentos fenomenológicos. De um lado, então, o quadro husserliano: a correlação intencional, a tese da imanência e da transcendência, a redução fenomenológica e a estrutura teleológica. Do outro, a reelaboração heideggeriana desses mesmos pontos de partida: ser-no-mundo, existência, angústia e o nada como fundamento. Seu texto procura evidenciar as correspondências e dessemelhanças entre ambos os lados.

Adrielle Costa Gomes de Jesus esclarece em que consiste o pensamento de Heidegger sobre o acabamento da metafísica mediante investigação sobre o sentido dos termos “fim” e “finitude” em sua obra. A autora também defende haver tanto diferenças quanto semelhanças entre o projeto de *Ser e tempo* e aquele que foi perseguido pelo filósofo depois da *Kehre*. Mas, para ela, se por um lado o germe da necessidade de superação da metafísica já se encontrava na tarefa de “destruição” da história da ontologia, intenção típica do pensamento heideggeriano nos anos 20, por outro lado não se pode dizer que Heidegger encarasse *Ser e tempo* como a realização cabal das possibilidades da metafísica, o seu último ponto de maturação, tal como parece pretender John Sallis. Em outras palavras, Heidegger nunca teria sido o autor (realizador) do fim ou acabamento da metafísica, mas sim da recuperação e liberação de suas possibilidades originárias em direção ao futuro do pensamento.

Os artigos de José Fabio da Silva Albuquerque e Robson Ramos dos Reis surpreendem pelo trabalho detalhado e abertura de novas fontes de pesquisa aos temas heideggerianos sobre a ciência

e a totalidade, assim como sobre a compreensão do ser e o caráter de necessidade. No artigo de José Fabio da Silva Albuquerque podemos adentrar na discussão da incoerência da ciência em objetivar a totalidade do ente contando com as especificidades determinantes dos objetos, duas posições que se distanciam. Contudo, apesar dessa busca, esse objetivo não é próprio da ciência. Cabe então saber se é possível, e de que modo, a totalidade da experiência ser abarcada pela filosofia, mais especificamente, pela visão filosófica que temos de nós mesmos. Já o artigo de Robson Ramos dos Reis é decisivo para pensarmos o estatuto do necessário a partir da noção existencial de compreensão do ser em *Ser e Tempo*. O autor procura nos mostrar que é desde a situação fáctica do *Dasein*, mais especificamente, no acontecer da compreensão, que instala-se o elemento estrutural do esquecimento capaz de produzir uma ilusão originária. Em sua argumentação a ilusão aparece como sendo derivada tanto do esquecimento na compreensão de ser quanto do ocultamento no desocultamento da abertura do ente no todo.

Em seu artigo, Robson Costa Cordeiro analisa o argumento heideggeriano que advoga que, para Hegel, o espírito é o objeto e também o sujeito da fenomenologia e que o genitivo da expressão *Fenomenologia do espírito* é tanto um *genitivus objectivus* como também um *genitivus subjetivus*. Ao distinguir e confrontar as concepções de fenomenologia dos dois pensadores, o autor nos mostra que, para Heidegger, esta tem o sentido de *logos* que revela o *fenômeno*, mas o fenômeno aqui é compreendido considerando, sobretudo, o que se resguarda em todo mostrar-se e que, nesse mostrar mesmo, se revela como o retraído, o obscuro. Já no pensamento de Hegel, defende Cordeiro, não há espaço para o obscuro, pois o absoluto – a partir de sua essência que é querer mostrar-se – revela o obscuro apenas como uma etapa no curso do saber e da clareza.

Denise Magalhães da Costa analisa o posicionamento de Heidegger em relação à problemática do corpo valendo-se das obras *Seminários de Zollikon* e *Ser e tempo*. A autora nos apresenta um nexos ontológico entre corporeidade e o caráter de existência do *Dasein*. Para tanto, o caminho do argumento perpassa 1) pelo esclarecimento da espacialidade ontológica do *Dasein* e sua co-pertença à corporeidade como um modo do corporar e 2) pela análise da maneira como os existenciais da compreensão, disposição e fala se articulam à corporeidade do *Dasein*. Na direção contrária àquela que anuncia uma negligência da questão do corpo na filosofia de Heidegger, a autora argumenta em prol do caráter ontológico do corporar do *Dasein* como um modo de ser deste, o que confere à corporeidade um caráter ek-stático.

Arnin Rommel Pinheiro Braga e Nelson José de Souza Júnior concentram a discussão num período da trajetória filosófica de Heidegger nomeado por François Jaran como “metafísica do *Dasein*”, isto é, nas obras elaboradas entre 1927 e 1930. O artigo defende que a característica

específica desta fase é o destaque dado à transcendência enquanto constituição fundamental do ser-no-mundo em textos que visavam expor com maior precisão a finitude do *Dasein*, e isso em detrimento de noções como “cuidado” (ou “cura”) e “ser-para-a-morte”. O texto também elenca algumas razões que teriam conduzido o filósofo a esse ligeiro afastamento (ou, talvez, a essa radicalização) de *Ser e tempo*, além de analisar o sentido em que Heidegger utiliza o termo “transcendência”, diferenciando-o dos modos como a tradição filosófica fez uso da mesma expressão.

O artigo de Leidiane Coimbra de Lima Castro apresenta respostas à pergunta pelas origens de nossa época, a era da técnica no vocabulário de Heidegger. A compreensão moderna da verdade como certeza e da relação homem-mundo enquanto sujeito e objeto é apresentada como momento histórico decisivo daquilo que hoje somos, mas para a autora é sobretudo o esquecimento do ser que determina nossa relação com a realidade. Fundado sobre o retraimento do próprio ser, o esquecimento promove o “fazer-explorador” da técnica, um modo específico de desvelamento do ser dos entes que faz tudo aparecer sob a vontade humana inesgotável, e obstrui outros modos de produção em que o próprio homem é tomado pelo que clama a partir do mundo, onde a técnica é dirigida por um “deixar-ser” o ente que o permite resistir ao domínio completo da imposição humana. Se a usina faz do rio um recurso natural disponível às infindáveis demandas humanas, a carranca deixa ser o rio como lugar de mistério e risco, e situa o homem como aquele que pede proteção mais do que explora e controla.

O artigo de Renato Kirchner nos convida à compreensão do termo grego ἦθος, “lugar de morada” que é usado por Heráclito e que Heidegger expressa a partir do termo ek-sistência. Convite este que leva-nos a uma aproximação e familiarização de algum modo com o nosso próprio pensar. Qual seria o lugar de morada do pensador? Desde onde a palavra de Heráclito se pronuncia? Estas são as perguntas que norteiam o texto. Esse âmbito familiar em que se encontra o *Dasein* é seu *ethos*, o âmbito desde o qual ele fala e se mantém, o extraordinário do aparecimento. Assim, se avizinando à divindade do homem está o pensar.

O artigo de Daniel da Silva Toledo e o de Guilherme Devequi Quintilhano com Eder Soares Santos também flertam com o pensamento grego. Toledo relaciona a temporalidade histórica do *Dasein*, enquanto ser para a morte, com a poesia trágica dos gregos, trazendo à luz a dimensão trágica da própria finitude, a *cisão originária* refletida no homem. O artigo de Quintilhano e Santos auxilia-nos na compreensão do fenômeno de mundo apresentado por Heidegger em *Ser e Tempo*. Esta retoma o conceito de “primeiro motor imóvel” na *Metafísica* de Aristóteles ao apontar para o modo lógico de tratamento do mundo dado pela tradição filosófica, o seu modo presentificador

enquanto um conjunto de entes, reflexo da realidade afirmada ou negada no enunciado que contrapõe-se à noção heideggeriana que considera o mundo a partir da cotidianidade mediana do *Dasein*, sendo este um momento constitutivo de ser-no-mundo.

É possível atribuir um lugar à arte na formação humana a partir da filosofia do ser de Martin Heidegger? Esta questão motiva as reflexões de Eliana Henriques Moreira. Debruçando-se sobre *A origem da obra de arte*, a autora conclui que, no que se refere à experiência com os produtos da arte, devemos pensar não tanto em formação, mas em termos de “des-formação” – na medida em que as obras em questão retiram o *Dasein* do que é habitual, reconfortante e já conhecido – e “transformação” – posto que as mesmas lançam-nos no que é extraordinário, único e que permaneceu inquestionado desde o início da filosofia ocidental, a saber, a origem e instauração do sentido e do mundo, abrindo-nos, com isso, a novas possibilidades de ser.

A obra *A questão da coisa* é o objeto de investigação de Miguel Antonio do Nascimento. Embora o texto de Heidegger concentre-se, sobretudo, no diálogo com a *Crítica da razão pura* de Immanuel Kant, discussão em que o intuito é revelar a ontologia aí implícita e remeter a filosofia de Kant a suas origens históricas, o artigo em questão tem o mérito de atentar para uma parte do texto nem sempre tão considerada pelos estudiosos, a saber, a “Parte preparatória: diversas maneiras de perguntar pela coisa”. Sendo assim, são essas várias maneiras de questionar o que significa ser uma coisa que se tornam objetos de questão no artigo. Como a pergunta pelo ser da coisa foi historicamente respondida? Que diferenças há entre os modos científicos e filosóficos de respondê-la? Qual modo deve ter proeminência? Ainda mais, o autor remete essas dificuldades àquela que parece ser central no pensamento de Heidegger: o que é verdade?

Fernando Matheus Falkoski nos mostra que a temática da identidade cultural na contemporaneidade rompeu com o conceito iluminista de identidade dogmática para indagar sobre si mesma. Para o autor, a questão da identidade cultural está intrinsecamente ligada à noção de diferença entre o “eu” e o “outro” e agrega a alteridade promovida pela individualidade que cada um carrega em si mesmo como sujeito singular. Em seu artigo, Falkoski examina a questão da identidade cultural em Stuart Hall com o fito de verificar a crise sobre o sujeito que, ao perguntar pelo *quem* (?) do outro, se perde em sua própria identidade, não se reconhece em si-mesmo e, por vezes, torna-se coadjuvante do mundo que o limita e o solicita. Após este exame, nos apresenta uma conexão entre a questão da identidade cultural de Hall e a questão da *ipseidade* de Heidegger.

Com uma narrativa pouco ortodoxa e marcada por nuances poéticas e imagéticas, Juliano Garcia Pessanha nos apresenta, em três variações, aspectos centrais do pensamento heideggeriano e sua recepção por Peter Sloterdijk. A primeira das três variações defende que a semântica de

Heidegger é deficitária quando se trata de esclarecer o enraizamento no mundo, ou seja, que ao longo de sua obra o elogio do mortal hipertrofiou-se e a semântica para os mundos efetivamente existentes tornou-se cada vez mais pobre. O autor denuncia uma falha heideggeriana na descrição daquilo que acontece no registro inter-humano. Na segunda variação, a partir do repertório imunológico proposto por Sloterdijk, Pessanha discute o extremismo e o messianismo de Heidegger. Na terceira e breve variação, o texto é fechado de forma aforismática e irônica com uma observação sobre sossego e desassossego.

O artigo de Rodrigo Benevides Barbosa Gomes e o de Ila Nunes Silveira nos instigam a olhar mais detidamente para o ser-no-mundo de Heidegger. Barbosa Gomes nos propõe reconhecer a importância do caráter existencial da espacialidade do mundo no que se refere ao estudo da cognição corporal aplicada à inteligência artificial, ao apontar para a atualidade da tese heideggeriana sobre o ser-no-mundo. Também o artigo de Ila Silveira apresenta de maneira pormenorizada a retomada heideggeriana dos discursos ontológicos da tradição filosófica com vistas à proposta de uma ontologia fundamental, de uma analítica do *Dasein*, procurando assim ressaltar o modo como se converte a pergunta sobre o ser em uma pergunta pelo seu sentido.

Nós, da comissão organizadora desse volume, agradecemos aos autores que submeteram seus trabalhos e nos ajudaram na composição desta rica coletânea de artigos. Ao leitor, desejamos uma excelente trilha nas sendas do pensar heideggeriano propostas pelo dossiê Heidegger da *Revista Ideação*.

Feira de Santana, primavera de 2018.

Caroline Vasconcelos Ribeiro

Diogo Campos da Silva

Tatiane Boechat

(organizadores do Dossiê Heidegger)